

## AS MULHERES ÁRBITRAS DE FUTEBOL: CORPO, TRABALHO E PODER

Ineildes Calheiro dos Santos<sup>1</sup>

Orientadora: Prof. Dra. Suely Messeder<sup>2</sup>

*Resumo:* Neste projeto de mestrado, pretende-se discutir a diferença do desempenho físico e esportivo entre homens e mulheres no mundo do trabalho, mais especificamente no campo da arbitragem do futebol. Quando jogamos os holofotes na história e no contexto do futebol, constatamos a presença maciça de homens arbitrando as partidas, muito embora já existam poucas mulheres atuando neste campo. Para ingressar como profissional nesta área, entre outros fatores, é requerido ao candidato/a a juiz a realização de uma avaliação do perfil físico. A partir deste contexto, elaboram-se duas grandes questões como pergunta de partida para o desenrolar da pesquisa: 1) Quais são os critérios de avaliação do perfil físico para alcançar as características e qualidades ideais para se tornar um juiz de futebol? 2) E como estas mulheres conseguiram borrar as fronteiras das relações de gênero/sexo e se tornaram árbitras no futebol? Tendo como referência teórica e metodológica a perspectiva feminista e a teoria queer, cujos conteúdos constroem, desconstroem e sinalizam a ambiguidade da diferença sexual, como ponto de partida para se compreender e descrever as relações de gênero/sexo. Ambiciona-se reconstruir as histórias de vidas destas mulheres árbitras, comparando as histórias das que foram aprovadas e reprovadas nos testes, bem como identificar e descrever os critérios destes testes avaliativos regulamentados pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

*Palavras-chave:* Árbitra em futebol. Tecnologia de gênero. Diferença sexual. Divisão sexual do Trabalho. Crítica Cultural.

### INTRODUÇÃO

O estudo sobre as mulheres no mundo da arbitragem futebolística origina-se da minha vivência por uma década no esporte, bem como da minha trajetória acadêmica no campo da educação física. Se por um lado, como ex-atleta e árbitra de futebol (atuante no período da pesquisa) com passagem pelas instituições estadual e nacional (FBF E CBF), experienciei a divisão sexual no trabalho desportivo, os preconceitos de gênero, classe, região, raça/cor, e as relações de poder e submissão que tais marcadores promovem nas mulheres. Por outro lado, na academia, no curso de educação física, percebi a ausência do debate desses marcadores sociais relacionados aos esportes, bem como tais marcadores são naturalizados entre nós.

Em 2006, concluí o Curso de Educação Física, com o trabalho intitulado Inserção da Mulher na Arbitragem em Futebol de Campo no Estado da Bahia, uma pesquisa artificial sobre a temática, aonde foquei a inserção de gênero centrado no estado da Bahia. Daí em diante, passei a interpelar

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2014 / E-mail: ildafrica@yahoo.com.br / Licenciada em Educação Física e Pós-graduada em Condicionamento físico. Bolsista FAPESB

<sup>2</sup> Orientadora. Dra. em Antropologia. Professora do Mestrado em Crítica Cultural e do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. E-mail: suelymesseder@gmail.com.

sobre a divisão sexual do trabalho desportivo como algo vinculado não somente ao modelo biológico.

Com envolvimento em estudos e encontros acadêmicos que abordam corpo/sexo/gênero/raça e educação, em 2012, participei do I Seminário e Treinamento em Metodologia de Pesquisa em Sexualidade, Gênero e Direitos Humanos, em seguida me inserindo nos debates sobre teoria feminista e da teoria queer promovidos pelo Grupo de Pesquisa Enlace. Em 2014, ingresso no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, na linha II: Letramento, Identidades e Formação de Professores, com o intuito de realizar uma pesquisa de mestrado com a temática em questão, adentrando a educação, com uma visão mais ampla.

Diante dos estudos até aqui realizados para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, este trabalho tem como finalidade esboçar o desenvolvimento da pesquisa, considerando os objetivos do projeto, aonde ilustraremos como está sendo organizada a dissertação e os caminhos metodológicos.

## 1 JUSTIFICATIVA

Neste estudo, pretende-se discutir a diferença do desempenho físico e esportivo entre homens e mulheres no mundo do trabalho de arbitragem em futebol no Brasil, cujo tema escolhido é devido à constatação da presença maciça de homens arbitrando, muito embora já existam mulheres neste campo. Contudo, inquieta-nos as desigualdades quantitativas e nas oportunidades, já que tal modalidade se enquadra no mercado de trabalho e já se insere no setor formal<sup>3</sup>. Frisamos que, nos últimos anos, vêm ocorrendo megaeventos futebolísticos no Brasil, como a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, respectivamente em 2013 e 2014, onde se verifica a ausência de mulheres no exercício da função de arbitragem. Foi nesse sentido que demarcamos o problema, iniciando com duas questões: 1) Quais são os critérios de avaliação do perfil físico para alcançar as características e qualidades ideais para se tornar um juiz de futebol? 2) E como estas mulheres conseguiram borrar as fronteiras das relações de gênero/sexo e se tornaram árbitras no futebol? Serão investigadas, as mulheres no mundo da arbitragem, focando a divisão sexual, hegemonia masculina e poder. A utilização desse recorte pode elucidar várias questões relacionadas a gênero no esporte, tendo como objeto de estudo as árbitras de futebol, vinculadas á corpo/sexo/gênero/poder. A relevância adentra ao contexto social e científico, cuja eficácia concerne aos estudos feministas e pós-estruturalistas, os quais, nos debates atuais mostram a “*engenharia da construção dos corpos sexuados*”, com os efeitos da lógica binária, como na teoria queer, destacando a hierarquia, a dominação e exclusão,

---

<sup>3</sup> Lei 12.867, sancionada em 10/10/2013 pela então presidenta da República.

tendo sua base no que está fora das normas, regras e imposições sociais. Assim, observamos que as diferenças sexuais e sua biologização/naturalização têm contribuído para as desigualdades nas relações de gênero e no sexismo, sendo que os binarismos sexuais reforçam a hegemonia masculina, adentrando no mercado de trabalho. Nos resultados, esperamos descobrir os motivos que levam às disparidades quantitativas e nas oportunidades para a função de arbitragem em futebol e às exclusões em determinadas competições, buscando confirmar as hipóteses de que as diferenças da aptidão física entre os sexos são processos da construção sociais vinculados às tecnologias de gênero e que, a diferença do desempenho físico entre os sexos influencia na divisão sexual do trabalho desportivo e na desigualdade social de gênero. A preferência pela escolha da linha de pesquisa é por acreditarmos no poder da educação como transformadora de consciências, conceitos e paradigmas. Nesse sentido, pretende-se discutir ações que visem, no futuro, minimizar as diferenças físicas entre os sexos, a redução da divisão sexual do trabalho, que requer desempenho físico, refletindo, sobretudo, na formação de professores de educação física, envolvendo nas discussões o paradigma da naturalização sexual dos corpos. Com isso, pretendemos contribuir para as melhorias femininas na arbitragem, pensando em ações e diálogos cabíveis para o momento, visando o “não prejuízo” social ao sexo em discussão.

## **2 OBJETIVOS**

### *Objetivo geral:*

Identificar os critérios de seleção e avaliação física para se tornar um juiz de futebol, bem como compreender como algumas mulheres ultrapassaram os limites sexuais e se inseriram nos critérios, identificando a influência cultural e da educação física, almejando discutir os resultados no âmbito da educação interdisciplinar e entre as instituições desportivas.

### *Objetivos específicos:*

Identificar os critérios de seleção para se tornar árbitro em futebol.

Apresentar os modelos e exigências de avaliação física para a inserção na arbitragem, destacando, o (os) considerado de maior obstáculo para a inserção das mulheres.

Desvendar como as árbitras ultrapassaram os limites sexuais e se inseriram na arbitragem

Identificar a influência cultural e da educação física nas diferenças corporal-físico-fisiológicas entre os sexos.

Discutir os resultados no âmbito da educação interdisciplinar e entre as instituições futebolísticas.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo é uma pesquisa exploratória, qualitativa, de análise do discurso, com entrevistas semiestruturadas, aonde será reconstruída as histórias de vida de 06 (seis) mulheres árbitras de futebol que desempenham ou desempenharam esta função. Será incluso questionários com a participação de árbitros do sexo masculino: 10 (dez) para cada sexo. O objetivo dos questionários é localizar algumas informações não encontradas nas entrevistas.

Será incluso material bibliográfico, empírico, documentos específico do setor de arbitragem (manuais, ofícios circulares, as Relações nacionais de árbitros, estatuto do torcedor, a lei Pelé) fotografias e imagens, tendo como fonte os diversos meios de comunicação (mídia, internet, recortes de jornal).

### **4 REFERENCIAL TEÓRICO**

O futebol brasileiro, não somente é um jogo de chute na bola contra o outro, com o objetivo de ganhar. Também retrata o liame das relações de gênero, e a depender da forma com a qual olhamos este esporte, podemos ter uma visão panorâmica do androcentrismo, da hegemonia masculina e até aonde as mulheres podem avançar socialmente, controladas em mãos masculinas. Desta forma, ao compreendermos o futebol brasileiro em termos sociopolítico, podemos ampliar nossos horizontes, refletindo nas possíveis consequências em todas as instâncias da sociedade, geridas exclusivamente ou majoritariamente, por sujeitos do sexo masculino.

O futebol, também, adentra ao mercado de trabalho, e, a função de arbitragem se insere no setor formal. No entanto, a problemática da divisão sexual no esporte, com suas disparidades, por vezes baseadas em binarismos paradigmáticos de sexo/gênero, força/fragilidade, dentre outras questões, limita e/ou exclui a participação da mulher no contexto do trabalho nesta modalidade desportiva. Tais fatores, que envolvem questões de tecnologia de gênero, hegemonia masculina e poder, confrontadas com o fenômeno da natureza/cultura, são nossos focos discursivos.

Por esta razão, este recorte adentra aos estudos feministas e pós-estruturalistas, que nos darão subsídios para as compreensões e esclarecimentos a respeito da influência dos binarismos sexuais nessas relações, aqui evidenciadas como construção social. Dentre as consequências,

reforçam-se, assim, as desigualdades sociais nas relações de gênero e se perpetua a supremacia masculina no mercado de trabalho desportivo.

Para a descrição desse estudo, nos reportamos a Giorgio Agambem (2013), com sua arquitetura nomeada de “Infância história”, nos remetendo à “experiência vivida” como laboratório, forma que vem ganhando impulso nos estudos atuais e que será a alavanca desta pesquisa.

Desta forma, pensamos inter-relacionar os esquemas teóricos-críticos com os estudos feministas, pós-estruturalistas e os que nos reportam às noções de natureza/cultura, que permitem interpretações focando as diferenças no desempenho físico-corporal-fisiológico entre os sexos, socialmente construídos, de tal maneira que, possamos refletir sobre a tecnologia de gênero.

Elaboramos a organização da dissertação em cinco partes: a introdução, três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo trataremos das compreensões sobre os corpos construídos, discorrendo sobre a cultura e educação. Trazemos as reflexões sobre as teorias raciais para compreender os dimorfismos sexuais, os paradigmas dentre os binarismos homem/mulher e as hierarquias de gênero pensadas a priori por meio do corpo, relacionando com os estudos culturais.

Para o primeiro momento da escrita, destaca-se a obra de Lilia M. Schwarcz (2008), nomeado de “O espetáculo das Raças”. Em tais discussões fomenta-se o processo da Eugenia e as teorias evolucionistas e raciais. Aonde será destacado a influencia do higienismo nas diferenças sexuais, na formação de um corpo feminino, belo e saudável, versus o corpo masculino, forte, como podemos ver com Goellner (2001), para pensar e compreender o paradigma da fragilidade versus força inata entre os sexos.

Aqui, as compreensões sobre o processo cultural tem forte relevância. Com a pretensão de analisar os estudos de Malinowski (1975), no texto intitulado “uma teoria científica da cultura”, aonde o autor liga as questões culturais ao meio e aos processos fisiológicos. O mesmo afirma:

[...] não há atividade humana, combinada ou individual, que possamos considerar como puramente fisiológica, ou seja, “natural” ou não disciplinada. Mesmo atividades como respirar [...] Os processos fisiológicos dentro do corpo humano são afetados pela ventilação pela rotina [...] pelas condições de segurança [...] Há uma constante interação entre o organismo e o meio secundário em que ele existe, ou seja, a cultura. Em suma, os seres humanos vivem por normas, costumes, tradições e regras, que são resultado de uma interação [...] (Idem, op. cit., p. 70).

Michel Foucault (2004), na “Microfísica do poder”, contribui, sobretudo, no texto sobre corpo-poder, exemplificando o século XVII, citando que o corpo do rei não era uma metáfora, mas uma realidade política. Para o autor, “[...] do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso [...]”. (Idem, op. cit., p. 147).

Berenice Bento (2006), em seu estudo intitulado “A reinvenção do corpo”, mostra, informações contundentes nas reflexões sobre a origem da “naturalização” dos corpos, conforme pode-se perceber a *engenharia da construção dos corpos sexuais*, a partir de uma intencionalidade. A autora utiliza estudos de Foucault para esclarecer que, entre os anos de 1860-1870, proliferaram-se discursos médicos com o objetivo de provar a origem da biologia nos corpos sexuais, e afirma que, no isomorfismo, existia um único corpo. O corpo da mulher era igual ao do homem, sendo a vagina um pênis invertido (p. 115).

Na sequência, tentaremos compreender os impactos da ditadura Militar na educação física brasileira, com os estudos de Ivanilde Mattos (2010) e outros, pautados no gênero e no surgimento dos dispositivos de exclusão com as leis proibitivas para as mulheres no esporte, conforme corrobora Lessa (2005).

[...] em 1941[...] o Conselho Nacional de Desportos (CND) criou o Decreto Lei 3.199, que no artigo nº 54 dizia que, as mulheres não poderiam praticar esportes ‘Incompatíveis com sua natureza’. Em 1965 com a deliberação nº 7 definiram-se regras para a participação das mulheres nos esportes, não sendo permitida às mulheres a prática do futebol [...] E somente em 1979, com a deliberação nº10, a anterior é revogada [...]. (Idem, op. cit., 2005, p. 165).

Nesse contexto, tentaremos envolver no discurso, a questão da tecnologia de gênero que, tem historicamente beneficiado o sexo masculino em detrimento do sexo feminino. Nesse sentido, nos apropriaremos de Teresa de Lauretis (1989). A autora, também, conceitua gênero e esclarece a categoria na perspectiva de corpo/sexo.

Para incluir corpo/gênero relacionados á educação física, os estudos de Mattos (2010), intitulado “Estética Afirmativa: corpo negro e educação física”, nos darão embasamento, juntamente com Priscila Dornelles (2007), com seu estudo focado nas práticas de educação física escolar entre os sexos, que permite-nos perceber como a tecnologia de gênero entra no cenário da educação, revelando-nos a influência desta disciplina específica na produção dos corpos generificados.

Tentando responder como a cultura influencia na construção dos corpos? Louro (2007, p. 14) nos desperta quando afirma que: “[...] Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados [...]. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida [...].” Essa passagem nos permite entrelaçar com os estudos que incluem a tecnologia dos corpos sexuais (os corpos performáticos de gênero), do brinquedo e da brincadeira, conforme observado nos estudos da antropóloga Suely Messeder (2012, p. 98) que diz, “[...] A tecnologia de gênero presente nos brinquedos funciona de maneira bastante severa, para as meninas e meninos que não concordam com esta divisão sexual dos brinquedos [...]”.

Cooperando com a temática, Gonsalves (2005) contribui com a obra “Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação”, versando sobre o corpo na vida cotidiana, na sociedade industrial contemporânea, no controle do corpo na escola e a respeito da educação física como prática transformadora.

Quando nos reportamos á assuntos biológicos, vários estudos com diferentes métodos de abordagens nos levam as mesmas conclusões, no sentido da construção social dos corpos sexuados. Desta forma, faz-se relevante analisar estudos biologizantes com Guedes (2002) e David Nieman (1999), confrontando e ao mesmo tempo analisando, em que momento ocorre a perspectiva simétrica com a teoria feminista.

Com as discussões de Souza, que descreve sobre o androcentrismo na ciência Biológica e Beauvoir, que mostra a passividade da mulher construída, nos aproximaremos de uma compreensão sobre a desigualdade físico-corporal-fisiológica e comportamental entre os sexos, pautadas na intencional hegemonia masculina na sociedade. Conforme notamos: “[...] Uma abordagem da Biologia Molecular desprovida do viés masculino permite a constatação de que o óvulo é até mais ativo do que o espermatozoide [...]” (SOUZA, 2002, p. 81). E, Beauvoir (1967, p. 9-10) afirma que: “[...] até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais [...]”. Para a mesma, ninguém nasce mulher, torna-se.

O estudo em questão nos permite idealizar que as diferenças sexuais têm suas relações com os padrões e normas sociais como veremos na teoria queer, discutidas por Judith Butler e Guacira Louro, e, aprofundando sobre as relações de gênero, nos fundamentamos em teóricas feministas, dentre elas Joan Scott (1995) que esclarece sobre a categoria gênero e Helieth Saffioti (2011) para dar suporte sobre gênero e violência.

Discutindo sobre a questão de gênero nas práticas desportivas, Lessa (2005), expõe que o futebol é ótimo exemplo para empreendermos um debate sobre as mulheres nos esportes. Assim, podemos pensar em ampliar nossa visão para o progresso cultural, descrevendo sobre a entrada das mulheres nos esportes, as que desempenham papéis contrários ás normas sociais de gênero, desafiam as regras e, atravessando fronteiras machistas, desestabilizam os paradigmas biologizantes/naturais. Ao discorrer sobre “desconstrução”, Jacques Derrida coopera com a ideologia da desestabilização de binarismos linguísticos e conceituais.

Ao discorrer sobre as resistências e lutas ao longo da história, Lessa (2005, p. 167) afirma: “A fragilidade física caiu por terra quando a explosão das academias e dos exercícios resistidos (musculação) entrou na ordem do dia [...]”. Desta forma, podemos pensar em uma nova identidade de gênero que se desenha na sociedade e confrontar com a problemática da exclusão do sexo no

trabalho de futebol, como novo campo masculinizado aonde as mulheres buscam inserir-se em meio aos obstáculos e enfrentamento ao poder.

Creemos que estes estudos esclarecerão sobre a divisão sexual no trabalho desportivo, o androcentrismo e a hegemonia masculina. E, focando a questão do trabalho, Mirla Cisne (2012, p. 111), citando Lobo (1991) descreve: “Analisar, portanto, a divisão sexual do trabalho é indispensável para desvelar o antagonismo de classe [...] Em outros termos, é necessário ‘desomogeneizar’ a classe trabalhadora, percebendo que ela tem dois sexos [...]”. Caberia acrescentar: dois sexos e uma política sexista favorecendo apenas um. Fator que discutiremos.

Ligando o primeiro capítulo ao segundo, iniciaremos com “O pontapé inicial” sobre a história da inserção das árbitras. Descrevendo sobre o campo, os critérios de seleção, os obstáculos, a relação de submissão e exclusão de gênero neste setor. Nesse interim será introduzida à subjetividade, aonde contarei a minha história e experiência na função de árbitra de futebol. Aqui abordaremos a influência da mídia, concernente aos padrões físicos e perfil corporal de gênero, através da fonte documental e das histórias de vida da população pesquisada, aonde tentaremos detectar o perfil das mulheres árbitras.

No terceiro capítulo trataremos tanto da importância da educação física para a categoria gênero no processo de melhorias na divisão sexual do trabalho desportivo, como apresentaremos a metodologia do trabalho, enfatizando o percurso, os percalços, o uso dos questionários, entrevistas e os colaboradores. Por fim, trataremos de mostrar sobre os objetivos e resultados, o que foi alcançado, nossas propostas e sugestões para melhorias no campo, tanto da educação física, quanto, para melhorar a relação de gênero no futebol.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Crendo na hipótese de que a diferença do desempenho físico entre os sexos influencia na divisão sexual do trabalho desportivo e na desigualdade social de gênero, esboçamos neste estudo, como essas questões serão discutidas na dissertação, enfatizando as diferenças físico-corporais e fisiológicas, relacionando com o progresso cultural e dialogando com a tecnologia de gênero, fenômeno que beneficiou o sexo masculino em detrimento do oposto, tanto na esfera física quanto social. Fator que, sob a influência cultural e da educação, desencadeou o desenvolvimento da hegemonia masculina e o androcentrismo nos esportes.

Para o desenvolvimento do trabalho, ilustramos como está sendo organizada a dissertação que realizará uma crítica cultural, pautada na divisão sexual do trabalho de arbitragem em futebol,



versando sobre a inserção de gênero neste setor, os critérios de seleção, as avaliações físicas e as formas de disputa de força entre mulheres e homens.

Crendo que para o alcance da equidade de gênero, pensadas a partir da igualdade física, tal meta, não passaria de um sonho. Desta maneira, entre nossas hipóteses, acreditamos que a exigência da igualdade física entre os sexos, para ocorrer à igualdade social, sem ações práticas, educativas e de conscientização, que abranja a população feminina como um todo, prossegue resultando em exclusão de gênero, reforça a divisão sexual no trabalho e perpetuação da hegemonia masculina.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo II. Experiência vivida*. Trad. Sergio Milliet. São Paulo: difusão Européia do Livro, 1967.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

LESSA, Patricia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. *Revista Motrivivência*, Florianópolis: UFSC, ano XVII, n. 24, p. 157-172, 2005.

LOURO, Guacira. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Trad. José Auto. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

MESSEDER, S. A. Precisa isso?!: Desconstruindo o fio das masculinidades nas vivências de mulheres masculinizadas na escola e no mundo do trabalho. In: Tereza Rodrigues Vieira (Org.). *Minorias sexuais direitos e preconceitos*. Brasília: Consulex, 2012, v. 1.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Cia das letras, 1999.

SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima. O viés androcêntrico em Biologia. In: Alcântara, Ana Alice e Sandenberg Maria Cecilia (Org.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Coleção Bahianas. v. 8. UFBA, 2002.

